

A partir das Sombrancelhas

Tradução de Gizelda Ribeiro da Silva¹
e Vera Maria Martins Alves²
Revisão de Meiko Shimon

Já que era mulher e já que iria ter um emprego, ela bem que gostaria de escolher uma profissão em que pudesse se valer da beleza feminina. Porém, ninguém lhe dissera que era bonita. Então, ela seguiu uma profissão que proibia o uso de maquiagem.

Certo dia, no entanto, o supervisor a chamou:

— Você pinta as sobrancelhas, não é?

— Não, senhor. Ela, assustada, molhou o dedo com a saliva e esfregou as sobrancelhas.

— Então, você raspa as sobrancelhas para modelar.

— Não, senhor, elas são assim mesmo. Falou, quase chorando.

— B-e-m! De qualquer maneira, quem tem sobrancelhas tão bonitas como as suas não precisa de um emprego como este para ganhar a vida.

O supervisor encontrara nas sobrancelhas o pretexto para demiti-la. Pela primeira vez, ela teve clara consciência da beleza de suas sobrancelhas. Era tamanha a felicidade da descoberta que a fizera esquecer a tristeza de perder o emprego. "Também tenho algo de belo". Assim, ela ganhou autoconfiança para se casar.

O marido não dizia que as sobrancelhas dela eram bonitas. Ele dizia que os seios eram lindos. Dizia que as costas, que os joelhos eram lindos. E mais, e mais... Ela aprendeu com ele que haviam tantas partes belas no seu corpo, e isso a deixou inebriada, entorpecida de felicidade.

Mas, e quando o marido esgotar as buscas da beleza de seu corpo, o que irá acontecer? Ao pensar nisso, ela começou a sentir saudade dos dias serenos, em que estava resignada, por achar que em si não havia beleza alguma. **(Mayu Kara, 1938)**

¹Bacharel em Japonês-Português e Espanhol-Português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professora Substituta do Instituto de Letras - UFRGS.

²Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras - UFRGS.